

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS 2018: DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Beatriz Rocha de Oliveira¹, Alessandra Souza Silva², Edvania Gomes da Silva³

1. Mestranda em Linguística. Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso – GPADis (UESB).
2. Doutoranda em Linguística. Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso – GPADis (UESB).
3. Orientadora, Pesquisadora e Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (DELL-UESB).

Resumo

Este trabalho é um recorte da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Linguística, no âmbito do projeto temático “Sentidos, sujeitos e religiões na relação em diferentes campos discursivos”, e teve por objetivo analisar a discursivização das eleições presidenciais de 2018 em diferentes veículos de mídia digital, bem como mostrar como ocorreu a materialização de tais discursivizações nas enunciações publicadas nas redes sociais pelos principais presidenciáveis durante suas campanhas. Os resultados indicam que o referido pleito, além de um acontecimento histórico, configurou-se, também, como acontecimento discursivo e isso emerge tanto nos dados da mídia quanto nas enunciações dos candidatos. Nas análises, recorreremos ao arcabouço teórico-metodológico da Escola Francesa de Análise de Discurso, especialmente aos conceitos de acontecimento discursivo e de memória.

Palavras-chave: Discurso; Memória; Política.

Introdução

No ano de 2018, ocorreu, no Brasil, a oitava eleição presidencial do país, após a promulgação da Constituição Federal de 1988. Tal pleito foi o primeiro realizado após o *impeachment* da última presidenta eleita. Trata-se, também, da primeira eleição em que passaram a vigorar novas regras eleitorais, conforme a reforma política aprovada em outubro de 2017. Dentre elas, podemos citar o estabelecimento de um teto de gastos para as campanhas, a criação de um fundo eleitoral e a redução do tempo de campanha, que passou de 90 para 45 dias, em relação às eleições de 2014. Além disso, a campanha nas redes sociais foi regulamentada pela Justiça Eleitoral, sendo permitido aos candidatos receber doações por meio de “vaquinhas virtuais” e pagar para impulsionar conteúdos nas redes sociais. O pleito contou com o maior número de candidatos desde 1989 e foi marcado por fatos inéditos, como o atentado ao presidenciável Jair Bolsonaro (à época, PSL), a onda de protestos organizados majoritariamente por mulheres, o apoio massivo das igrejas evangélicas ao candidato do PSL e o amplo uso das redes sociais e do *WhatsApp* como ferramentas de divulgação do material de campanha.

Partindo da hipótese de que a eleição presidencial de 2018 se constitui como um acontecimento histórico, o qual, de acordo com Pêcheux, é “um elemento histórico descontínuo e exterior” (1983b, p.49), que, pela relevância de sua ocorrência passa a ser lembrado na/pela história, temos por objetivo, neste trabalho, analisar como se deu a discursivização das eleições presidenciais de 2018 em diferentes veículos de mídia digital, bem como investigar se ocorre (e, em caso afirmativo, como ocorre) a materialização de tal discursivização nas enunciações publicadas nas redes sociais pelos principais presidenciáveis durante suas respectivas campanhas eleitorais.

Metodologia

A pesquisa que deu origem a este trabalho tem por objetivo analisar discursivamente a campanha eleitoral do ano de 2018 dos candidatos à presidência da República Jair Messias Bolsonaro (PSL), Cabo Daciolo (Patriota), José Maria Eymael (DC) e Fernando Haddad (PT), a partir das formulações linguísticas presentes nos planos de governo e publicações feitas por esses candidatos em suas redes sociais (*Twitter* e *Facebook*), durante o período da referida campanha eleitoral. Para este trabalho, propomos um recorte nos dados e, considerando o amplo uso das redes sociais e da mídia na divulgação dos materiais de campanha, os quais se configuram como lugar de materialização de discursos, constituímos um *corpus* de textos veiculados em diferentes veículos de mídia digital que discursivizaram acerca das eleições 2018, bem como de publicações feitas no *Twitter* pelos candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL) durante a campanha presidencial para a referida eleição.

Para a composição do *corpus* deste trabalho, primeiramente, foi feita a catalogação dos dados por categoria temática, a partir da qual identificamos uma regularidade na emergência de alguns temas, dentre eles a polarização partidária nas referidas eleições, que foi o tema selecionado para a realização deste trabalho. Em

seguida, para investigar se essa polarização também aparece nas enunciações dos presidenciáveis, selecionamos publicações dos dois candidatos que disputaram o segundo turno do processo eleitoral de 2018 feitas no *Twitter* durante suas campanhas e que, em alguma medida, estão relacionadas ao antagonismo PT x antiPT.

Após a seleção dos excertos, procedemos às análises destes, observando as estratégias discursivas empregadas e os efeitos de sentido materializados a partir delas. Para tanto, recorremos ao arcabouço teórico-analítico da Escola Francesa de Análise de Discurso, principalmente aos conceitos de acontecimento discursivo e de memória, conforme apresentados por Michel Pêcheux. O referido autor define o acontecimento discursivo como o ponto de encontro de uma atualidade e uma memória (PÊCHEUX, 2006 [1983a], p. 17) e argumenta que há uma tensão contraditória no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória, visto que há acontecimentos que não chegam a se inscrever e outros que são absorvidos na memória, como se não tivessem ocorrido (PÊCHEUX, 2007 [1983b], p. 50). Para o autor, sob o peso do acontecimento discursivo novo, haveria um jogo de forças na memória, tendo em vista que ela pode absorver o acontecimento, mantendo a regularização, mas este também pode provocar desregulação e deslocamento dos implícitos associados à regularização anterior. Considerando tais pressupostos, o *corpus* foi analisado buscando identificar questões que dizem respeito à repetibilidade e à ruptura a fim de verificar em que medida as eleições presidenciais de 2018 se configuraram tanto como um acontecimento histórico quanto como um acontecimento discursivo.

Resultados e Discussão

A partir da análise do *corpus*, verificamos a existência de uma regularidade na construção discursiva das eleições presidenciais do ano de 2018 em diferentes veículos de mídia digital, apontando para uma “polarização” no referido processo eleitoral, ressignificando tal acontecimento histórico a partir de pleitos anteriores, por meio de uma relação discursiva entre memória e atualidade, o que tornou tais eleições, também, um acontecimento discursivo, conforme Pêcheux (1983a). Para exemplificar tais resultados, apresentamos o excerto a seguir, extraído de reportagem publicada no site BBC, em 07 de outubro de 2018, data da votação em primeiro turno da citada disputa presidencial: “A eleição de 2014 já demonstrava um alto grau de polarização entre antipetistas e simpatizantes do PT. Nessas eleições, essa divisão assumiu o maior nível da recente história democrática” (BBC, 07/10/2018). No excerto, a expressão referencial “essa divisão” retoma o enunciado “polarização entre antipetistas e simpatizantes do PT”, que se refere às eleições de 2014, criando o pré-construído de existência de uma divisão social em torno do apoio ou da crítica ao Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições presidenciais de 2018, que funcionaria num *continuum* em relação à eleição anterior. O enunciador BBC aponta que tal polarização em 2018 “assumiu o maior nível da recente história democrática” e utiliza a retomada da memória das eleições de 2014 como estratégia argumentativa para dimensionar a extensão de tal polarização. Considerando que a eleição de 2014, dentre outras coisas, foi marcada por inúmeras manifestações pró e contra o PT e sua candidata Dilma Rousseff, e que já era discursivizada na mídia como a mais dividida das últimas duas décadas e tão acirrada quanto a disputa de 1989 entre Luis Inácio Lula da Silva e Fernando Collor de Melo, cria-se o efeito de sentido de um grande acirramento no embate ideológico entre apoiadores e opositores do PT, o qual supostamente superaria qualquer outro embate ideológico existente desde a redemocratização do Brasil. Assim, tal enunciado sobre a polarização das eleições 2018 se inscreve em uma extensa rede de formulações, inscrita na memória social, que precede o pleito em questão. Ao mesmo tempo, ele estabelece uma ruptura com essa rede com a qual se relaciona, fazendo com que o sentido derive e se torne outro. Esta ruptura está na base do que Pêcheux (2006, [1983a]) designa como acontecimento discursivo.

Dando seguimento às análises, para investigar como se materializou tal discursivização nas enunciações dos presidenciáveis, selecionamos publicações veiculadas na rede social *Twitter* pelos dois candidatos que disputaram o segundo turno do processo eleitoral de 2018, a saber, Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL), relacionadas, em alguma medida, à polarização entre apoiadores e opositores do PT. A partir das análises, identificamos que, assim como ocorreu nas publicações dos veículos de mídia, os discursos materializados nas enunciações dos referidos candidatos se constituíram como acontecimentos discursivos, relacionando memória e atualidade, atualizando discursos de apoio ou de crítica ao PT. A seguir, para exemplificar, analisaremos dois excertos, um de cada presidenciável.

Nas enunciações do então presidenciável Jair Bolsonaro que remetem à polarização citada, os temas mais recorrentes estão relacionados à corrupção e ao (anti)comunismo. Em 01 de outubro de 2018, ele publicou: “É inegável o caráter criminoso do PT. Aliança com a ditadura cubana, venezuelana, mensalão, petróleo, Tesoureiros presos, marketeiros presos, presidentes presos, e agora um candidato que recebe ordens de um corrupto condenado preso. Coloca qualquer facção criminosa no bolso”. Ao determinar a expressão “caráter criminoso do PT”, por meio do adjetivo “inegável”, o enunciador cria para sua afirmação um efeito de verdade inquestionável. Para reforçar esse efeito de verdade, no período seguinte, o enunciador categoriza o que seria tal caráter criminoso a partir de expressões referenciais que podem ser divididas em dois grupos: um relacionado à corrupção; e outro relacionado à aproximação com regimes de esquerda socialmente vinculados ao comunismo e/ou ao socialismo. Temos, em ambos os casos, a relação entre memória e atualidade, pois a construção de determinada imagem do PT na referida enunciação dar-se por meio de um retorno e, ao mesmo tempo, uma atualização da memória acerca dos casos de corrupção envolvendo o PT, bem como da prisão do ex-presidente Lula e de outros membros do referido Partido. Além disso, atualiza uma certa memória sobre o

anticomunismo, que se materializa a partir da classificação dos regimes cubanos e venezuelanos como ditaduras e, ainda, indica que tais regimes fazem parte da mesma rede parafrástica que categoriza o “caráter criminoso do PT”. Essa memória anticomunista remete a diferentes momentos históricos do Brasil, em que circularam discursos diversos, como o período pós revolução Russa (1917), a Intentona Comunista (1935) e o estabelecimento do golpe civil-militar no Brasil, em 1964. Assim, a partir da construção discursiva do enunciado, materializa-se o efeito de sentido de que o PT, além de ser um partido inegavelmente corrupto, coaduna com os ideais comunistas que são danosos à nação e precisam ser combatidos.

Nas enunciações do presidente Fernando Haddad, por sua vez, o tema relacionado à polarização PT-AntiPT que é mais recorrente é o da defesa da democracia. Em 14 de outubro de 2018, o presidente publicou: “O PT nunca violou o princípio democrático nos anos em que governou o país. Nenhuma instituição democrática foi enfraquecida. Quem tem de explicar o passado é meu adversário [Jair Bolsonaro] que defende a ditadura, que afirmou que a ditadura errou por torturar e não matar”. Inicialmente, por meio da expressão “nunca violou o princípio democrático”, o enunciador atribui ao PT um caráter democrático. A partir do advérbio de negação “nunca”, materializa-se o efeito de sentido de que tal caráter democrático é característica intrínseca ao modo petista de administrar. Cabe ressaltar, também, que a defesa desse suposto caráter democrático, por si, aponta para a existência de um discurso oposto, segundo o qual o PT teria, sim, violado o princípio democrático. Observa-se, ainda, que a defesa do caráter democrático do PT é reforçada por uma crítica ao caráter supostamente antidemocrático do candidato adversário, a qual é construída por meio da retomada de uma fala do presidente em defesa do Regime Civil-Militar implantado no Brasil em 1964. A tomada de decisão pelo termo “ditadura”, e não outro, indica que a memória que está sendo atualizada em tal discurso é de crítica e oposição às práticas do referido regime. Assim, ao mesmo tempo em que a relação da memória com a atualidade permite a construção de efeitos de sentido segundo os quais o PT é um partido democrático e contrário às Ditaduras, essa memória materializa efeitos de sentido que conferem ao candidato Jair Bolsonaro um caráter negativo, de contrariedade aos princípios democráticos e de apoio às práticas condenáveis do Regime Civil-Militar, como a tortura.

Conclusões

Conforme Orlandi (2001), um discurso não existe de forma isolada, nem se encerra nele mesmo, mas estabelece relações com outros discursos, apontando para a existência de saberes anteriores, os já-ditos, que circularam antes, em outros lugares. Pelas retomadas destes já-ditos, podem ocorrer deslizamentos de sentidos que vão permitir uma ressignificação dessa memória a partir da atualidade. Esse jogo entre a atualidade e a memória é o que Pêcheux (2006 [1983a]) define como acontecimento discursivo.

Foi a partir de tais postulados que as análises dos dados que compuseram o *corpus* deste trabalho nos permitiram concluir que as eleições 2018 se configuram como acontecimento discursivo, uma vez que diferentes sentidos sobre tal pleito emergiram com base em certa memória discursiva que circulou em outros lugares, em outros momentos, como a memória acerca das eleições 2014, do Comunismo, do Regime Civil-Militar instaurado no Brasil a partir de 1964 e dos casos de corrupção envolvendo o PT.

Assim, verificamos que, tanto os enunciados em circulação em veículos de mídia, acerca da polarização das eleições 2018 entre antipetistas e apoiadores do PT, quanto as enunciações produzidas pelos dois presidentes que disputaram o segundo turno do pleito em questão e que materializam, em alguma medida, discursos sobre a polarização citada, estão ancorados sobre os já-ditos sob os quais emergem. Tais movimentos permitem tanto um retorno da memória quanto a ruptura com a rede de formulações com a qual se relacionam, possibilitando, assim, a deriva dos sentidos.

Referências bibliográficas

BBC NEWS BRASIL: **Eleições 2018: Cinco fatos que provam que Brasil vai às urnas para disputa sem precedentes**. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45760999>>. Acesso em: 01 mar.2019.

ORLANDI, E. P. **Análise De Discurso**. Princípios e Procedimentos. 3ª ed. - Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi 4ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006 [1983a].

_____. **Papel da Memória**. IN: **Papel da Memória**. Pierre Achard et al. Tradução: José Horta Nunes. 1ª edição. Campinas, SP: Pontes, 2007 [1983b].